

**ARGUMENTAÇÃO:
O QUE É? COMO POSSIBILITÁ-LA?**

Ivan Vale de Sousa (UNIFESSPA)

ivan.valle.de.sousa@gmail.com

RESUMO

As dimensões argumentativas pedagógicas encontram no contexto da sala de aula terreno fértil para a produção, a análise dos discursos e a interação entre os sujeitos. Nesse sentido, são objetivos deste estudo: apresentar as instâncias teóricas da argumentação; discutir a argumentação como forma de comunicação e expressão por meio da língua; relatar as etapas de uma proposta realizada com alunos da Educação de Jovens e Adultos no estudo do gênero textual argumentativo artigo de opinião; analisar os argumentos inseridos em uma das produções utilizadas como *corpus* deste trabalho e definir, ao longo das reflexões, a constituição argumentativa e suas possibilidades de uso no contexto de ensino. Ao final destas reflexões, espera-se que as concepções referentes à argumentação sejam ampliadas.

Palavras-chave: Argumentação. Gênero textual. Artigo de opinião.

1. Introdução

A instância efetivada da argumentação é a realização da língua inserida em um contexto social de uso. Quando a língua considera as mudanças contextuais, as diferentes formas de realização da linguagem transitam entre as formas verbais e não verbais, adequando-se às necessidades de seus usuários linguísticos, porque a maneira como comunicamos algo a alguém demonstra as categorias do discurso, isto é, a língua em uso.

Este estudo lança luz à argumentação como prática social e, logicamente, comunicativa, partindo do duplo questionamento: o que é argumentar? Como realizar a arte argumentativa no contexto escolar? As respostas às questões serão reveladas, aos poucos, nas partes que compõem este artigo.

Reitera-se com isso destacar que a dimensão argumentativa formulada doravante, aproxima-se dos fenômenos linguísticos e do trabalho com a linguagem em sala de aula, pois a dimensão textual e discursiva em que o espaço escolar se aproxima das categorias de pessoa e agentes da argumentação: locutor e interlocutor e com o elemento em contextualização significativa de uso, o discurso.

A natureza da argumentação e sua realização ocorrem mediante a prática de respeito ao espaço dialógico assumido pelo outro, porque para que a arte de argumentar se efetive há a necessidade de dois sujeitos interagirem e se comunicarem a partir de uma situação-problema na formulação de argumentos eficazes e postulantes da tese defendida pelos participantes da argumentação.

As especificidades referentes à argumentação, neste trabalho, inserem-se nas instâncias pedagógicas, sobretudo, no estudo textual do gênero artigo de opinião em situações reais de aprendizagem, a sala de aula, em que a compreensão dos argumentos e da estruturação do gênero estabelece os indicadores de compreensão da argumentação à luz do plano textual-discursivo.

Principiando os estudos acerca da argumentação no contexto pedagógico, esclarece-se que estas reflexões estão estruturadas em duas partes discursivas. Na primeira, as instâncias teóricas subjacentes à argumentação são apresentadas a partir das contribuições de estudiosos que tomam a argumentação como objeto de investigação e compreensão comunicativa argumentativa, considerando os elementos que compõem o campo da argumentação.

Na segunda parte, por sua vez, os argumentos de estudantes inseridos na Educação de Jovens e Adultos são visibilizados a partir da mediação docente e da utilização do procedimento sequência didática, que pressupõe a aprendizagem por meio de oficinas estruturadas para o ensino, com a objeção de estudar, debater e produzir textos argumentativos no entendimento do gênero textual artigo de opinião, no reconhecimento dos tipos de argumentos que os alunos na função de emissores utilizam.

Além disso, o modelo de pesquisa-ação com o gênero textual artigo de opinião manteve relação com a funcionalidade dos suportes de gêneros, pois todo e qualquer texto carece de um suporte para realizar-se e produzir uma cadeia comunicativa com seus interlocutores e, por fim, uma síntese do estudo é apresentada nas considerações finais.

2. As instâncias teóricas da argumentação

A linguagem é o meio pelo qual os indivíduos interagem desde os primórdios da História da Humanidade. Nesse sentido, a linguagem é compreendida mediante sua função multifacetada inserida na necessidade do sujeito e na interação com seus semelhantes por representar um elo

comunicativo entre as modalizações verbal, não verbal e sincrética.

Tanto as variantes entre as concepções verbal e não verbal no campo da linguagem, quanto as formas como os sujeitos escolhem para se comunicarem, tornam as instâncias comunicativas marcas representativas de inserção discursiva no contexto do outro. De certo modo, todos nós somos seres que nos valemos da linguagem para demonstrar e reafirmar as nossas carências diante do fazer dialógico.

A natureza do homem é comunicar. O homem é um ser sociável e comunicável e, nesse caso, pode-se dizer que as formas como comunicam e interagem representam as instâncias da linguagem persuasiva e argumentativa na efetivação da língua em uso, o discurso. Desse modo, a necessidade de interagir e comunicar são essenciais à existência humana, sobretudo na sociedade contemporânea.

As mudanças nas formas de interagir na sociedade contemporânea têm estabelecido um descompasso na comunicação humana, vista como multimodos de estruturação dos discursos. Nesse contexto multilinguístico e comunicativo enquadram-se as variantes da linguagem com suas adaptações instanciadas pela dinâmica fenomenológica das dimensões cognitivo-linguísticas da argumentação nas práticas sociais.

As multidimensionalidades e instâncias da argumentação como marcas representativas e necessárias da interação humana na sociedade postulam-se como necessárias, visto que comunicar é humano e argumentar é trazer nossa humanidade para dialogar com a humanidade do outro. Sendo assim, a evidência de que todo processo argumentativo parte de finalidades estabelecidas entre sujeitos, significa considerar também que a eficácia no ato de argumentar pressupõe o posicionamento na defesa do que acreditamos.

A finalidade de toda argumentação, já o dissemos, é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam ao seu assentimento: uma argumentação eficaz é aquela que consegue aumentar essa intensidade de adesão de forma a desencadear nos auditores a ação que se tem em vista (ação positiva ou abstenção), ou pelo menos criar neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1999, p. 54)

Se partirmos do pressuposto de que argumentar é também uma forma de comunicação e interação entre os sujeitos do discurso, compreenderemos ainda a necessidade de promoção da arte argumentativa no conhecimento dos anseios do auditório em que o processo interdiscursivo encontra a eficácia no artifício de estabelecer adesões, negações ou refu-

tações do que está sendo proposto dialogicamente.

Argumentar, nesse sentido, nem sempre significa concordar com os interlocutores acerca da temática apresentada. Ao propor um plano eficaz da argumentação em quaisquer contextos de uso é preciso compreender ainda na interação entre locutor e interlocutor tais papéis, que em dado momento, são alternados possibilitando a manifestação comunicativa entre os participantes do discurso.

Além disso, é necessário também entender que a argumentação não se realiza unicamente por meio da fala, mas por meio da linguagem não verbal e de textos sincréticos que cumprem a função de persuadir e convencer os diferentes interlocutores envolvidos na interação a compreender a mensagem transmitida.

Conhecer o auditório e suas expectativas faz-se necessário para que a proposta argumentativa se estabeleça. Estabelecer conexões dialógicas, nesse sentido, significa, pois, realizar um plano estratégico sobre o que dizer, como dizer e de que maneira o fazer para que o auditório responda à altura dos propósitos estabelecidos pelo orador. Sendo assim, na efetivação da argumentação dois agentes discursivos interagem: *locutor* (orador) e *interlocutor* (auditório) a partir de uma situação-problema comunicativa (discurso) inserida em determinado contexto.

As instâncias comunicativas em que se realizam a argumentação carecem de principiar a polidez no uso das sentenças que, por ventura, serão proferidas. De modo algum, a arte de argumentar deve ser vista como uma arena em que os argumentos se digladiam. Antes de tudo, devem cumprir a função de estabelecer com o outro uma proposta respeitosa, esclarecida e discursiva.

Com tais finalidades estruturadas é válido reiterar que “argumentar é arte de convencer e persuadir. Convencer é saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando”, mas não é apenas convencer o outro simplesmente por convencer, todavia, utilizar-se de artimanhas capazes de persuadi-lo e, mais ainda, “construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir”. (ABREU, 2000, p. 8)

Entender a argumentação como prática comunicativa é, ao mesmo tempo, respeitar o espaço destinado à defesa ou refutação do outro. Nem sempre em uma proposta de argumentação os argumentos dos quais o locutor se valha são capazes de convencer ou persuadir seu interlocutor, por isso que na concepção dialógica argumentativa o gerenciamento das

emoções carece de estratégias e finalidades capazes de estabelecer o ato de dizer.

Muito mais que convencer, persuadir, ser convencido e persuadido, a argumentação é uma instância comunicativa que cumpre a finalidade de informar, esclarecer e ampliar os vieses capazes de possibilitar ao auditório a noção de descompasso no plano argumentativo, despertando-lhe a participação de ambos os interactantes.

Desse modo, argumentar é organizar na gerência das emoções os discursos, pois o gerenciamento das emoções é também saber tomar as decisões pela razão, porque sempre que comunicamos algo o fazemos, primeiramente, a nós mesmo e, posteriormente, ao outro.

A politização da argumentação no gerenciamento da troca de informações entre os agentes da situação argumentativa, orador e auditório, fundamenta-se na relação dos argumentos utilizados, já que estes devem ser claros e eficazes na estruturação das instâncias comunicativas. Não há argumentação sem sujeito, tampouco sujeitos sem argumentos.

A arte de dizer e comunicar nos é comum, visto que os argumentos partem de uma situação contextual elaborada em uma concepção histórica, ideológica, pedagógica, entre outras, como “meios igualmente válidos de levar a aceitar uma determinada tese”. (FIORIN, 2015, p. 19)

Desconsiderar que a argumentação não é parte constituinte do propósito comunicativo da linguagem significa reconhecer que a língua não representa as marcas da identidade do indivíduo. Desse modo, argumentação e discurso não são instâncias desarmônicas, já que argumentar é gerenciar o saber que se pretende dialogar com o outro e o discurso é a representação da língua colocada em uso, porque a noção de argumentação não institui um “método de regulação racional das diferenças de interesses, de apreciação; ela está na língua não na fala em circulação”. (PLANTIN, 2008, p. 22)

Considerando que a argumentação está inserida na língua, entende-se que argumentar é natural do ser humano, pois desde os primeiros dias de existência do homem, os modos de instanciar a argumentação têm sido mostrados. Claro, com o desenvolvimento humano, cognitivo e a interação social essas instâncias vão sendo estabelecidas entre os sujeitos, criando um interdiscurso entre eles.

Ao propor a realização da argumentação, almeja-se também o acionamento de conhecimento acerca de determinado assunto, quando esta

é levada à ciência do auditório. Antes das funções de *convencer* e *persuadir*, a justificativa da argumentação é, primeiramente, comunicar, informar, esclarecer e, principalmente, agir de maneira respeitosa, reconhecendo o lugar epistêmico que o outro tem no discurso e nas formas de dizer, garantindo que a “argumentação é uma questão de linguagem. Por isso, nela o enunciador trabalha com a pluralidade de sentidos de uma palavra (polissemia), com as ambiguidades. É ela que permite os jogos de palavras, os sofismas”. (FIORIN, 2015, p. 78)

Os agentes da linguagem *enunciador* e *enunciatório* (orador e auditório) na realização da argumentação, de certo modo, desenvolvem estratégias capazes de reafirmar o posicionamento assumido pelos sujeitos. Não é apenas uma questão de apresentar convicções acerca de uma temática, a argumentação é, sobretudo a oportunidade de justificar, inferir, decidir, informar e convencer à luz da interação social e humana.

A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que *o ato de argumentar*, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois *a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia*, na acepção mais ampla do termo. (KOCH, 2011, p. 17)

A argumentação parte sempre de um plano ideológico no qual o enunciador está inserido e se aventura, por vezes, no esclarecimento com seus enunciatórios, em que a realização do discurso traga uma carga de intencionalidade capaz de fazer com que o outro dialogue com ele nos mesmos pressupostos linguísticos, estabelecidos na comunicação, sendo válido, portanto, reiterar que a argumentação faz parte da linguagem que é politizada por seus interlocutores.

Visibilizar a relevância da argumentação como processo de interação social e de comunicação entre os sujeitos é sinalizar como os discursos são formulados na defesa de uma tese a partir de argumentos válidos, visto que o argumento se enuncia e “põe em jogo três elementos: o enunciador, o enunciatório e o discurso, ou, como foram chamados pelos retores, o orador, o auditório e a argumentação propriamente dita, o discurso”. (FIORIN, 2015, p. 69)

Considerando a estabilização dos três elementos na postulação do ato argumentativo, as finalidades direcionadas ao fazer dialógico encon-

tram terreno fértil a partir da eficácia dos argumentos na ação enunciativa e na atuação dos sujeitos da enunciação.

Nesse sentido, a argumentação realiza-se por meio de intencionalidades e interações, partindo de um plano ideológico em que as ideias sejam capazes de dialogar como o contexto e marcar as ideologias anunciadas e subentendidas na linguagem. E nesse propósito, entende-se que enunciar é comunicar e interagir é argumentar e, argumentar é permitir que a língua se realize.

3. A argumentação na sala aula: mediação e prática

A realização da argumentação nas práticas de sala de aula pode ser efetivada tanto à luz da oralidade quanto ao plano da produção textual. Na concepção da oralidade, o professor, como agente mediador e orientador das múltiplas aprendizagens, assume a função de moderador, propondo aos sujeitos os mesmos direitos de expressarem-se mediante os argumentos do outro na produção dos discursos. Já na esfera textual, o trabalho com os gêneros textuais ganha destaque na elaboração dos enunciados inseridos no plano enunciativo-textual.

O trabalho com a argumentação na sala de aula é, antes de tudo, uma proposta de mediação de estudo com as capacidades de linguagem, sem desconsiderar os diferentes níveis que os sujeitos se encontram e, da mesma forma, à luz dos gêneros de texto, pode-se também discutir as intervenções com os estudos postulados pela gramática.

A proposta de argumentação revelada nesta parte do trabalho foi realizada em meados de 2014, com alunos de uma instituição pública municipal, sediada na cidade de Parauapebas, sudeste do Pará, no estudo e na produção do gênero textual argumentativo artigo de opinião, a partir da análise de uma reportagem polêmica, transmitida por uma emissora televisiva sobre o tema *Transplante de cabeça*.

Os sujeitos participantes, à época, eram alunos inseridos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, quarta etapa, turno vespertino, em que o conhecimento, o estudo e a produção do gênero textual tiveram como metodologia o desenvolvimento de uma sequência didática. Tal procedimento enxerga as práticas de ensino a partir da utilização modular, em que as atividades transitam das propostas simples às atividades complexas, sendo, pois, um modelo de gênero flexível às necessidades dos sujeitos.

O planejamento de sequência didática perpassa pela realização constituída de módulos em que as dificuldades de leitura, escrita e discurso podem ser trabalhadas. Assim sendo, o modelo de sequência utilizada teve como base a proposta genebrina formulada por Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly (2004), promovida a partir dos seguintes passos: *apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final*. Além dessas etapas, foi acrescida outra, denominada por mim, como *divulgação dos resultados* nos suportes mural didático da instituição escolar e no *blog Práticas de Letramentos na Escola*⁶.

A proposição da argumentação na sala de aula, por meio do gênero artigo de opinião, deve considerar o nível de letramento dos alunos, sendo que a utilização do procedimento sequência didática como forma de apresentar as atividades de maneira progressiva ao desenvolvimento dos alunos precisa adequar-se ao contexto. Assim, como esclarecimento, cabe-nos questionar o que, de fato, são sequências didáticas?

Sequências didáticas são atividades planejadas mediante uma situação-problema com fins a amenizar as necessidades dos sujeitos, partindo de propostas simples às complexas em que têm como finalidade apresentação de um produto final em que se faz uma comparação da situação antes, durante e após a aplicabilidade do procedimento, sendo, portanto, uma metodologia inclusiva por envolver sujeitos nos mais diferentes níveis de letramento. (SOUSA, 2018a, p. 7)

Na realização da sequência didática houve espaço para a oralidade, para os debates e as reflexões em sala de aula, como também para a produção escrita e fundamentada na pesquisa. Além disso, à luz do gênero textual argumentativo artigo de opinião, os alunos foram apresentados aos diferentes argumentos, como de autoridade, consenso e outros que poderiam alocar nos textos. Nesse propósito, os textos estudantis tornaram-se instrumentos de análise e aprendizagem, funcionando como instrumentos de ensino.

Por estarem inseridos em uma modalidade de ensino que tem como uma das características, a distorção idade/série, os alunos tiveram a oportunidade de ampliar as ações de letramento e suas visões de mundo, valorizando-se, dessa forma, os saberes internalizados e inserindo ao processo outros conhecimentos didáticos se que faziam necessários.

⁶ Todos os artigos de opinião produzidos podem ser acessados em: www.vivanteatroeteatros.com.blogspot.com.

Na tentativa de responder aos questionamentos do subtítulo deste estudo, as instâncias da argumentação tornam visíveis os diferentes discursos produzidos em sala de aula, a partir dos níveis de letramento encontrados na escola, em que a promoção da linguagem se faça mediante propostas capazes de clarificar os caminhos que devem ser percorridos pelos sujeitos em situações de aprendizagem.

Foi necessário esclarecer, por exemplo, no contexto da Educação de Jovens e Adultos que a estruturação e os sentidos da produção de um artigo de opinião diferem qualitativamente da elaboração de um conto foi necessário. Ao apropriarem-se das capacidades de linguagem, os sujeitos inseridos na modalidade em questão são propositores dos próprios discursos e das formas como os enunciados se organizaram no plano da textualidade.

Trabalhar com a noção de textualidade à luz da argumentação pedagógica, significa elaborar um projeto de intertextualidade com outros discursos capazes de fundamentar o que se pretende esclarecer e argumentar com o artigo de opinião, sobretudo partir da compreensão de que o gênero textual é “constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipações das objeções do leitor, para fazer aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros com os quais mantém uma relação de conflito”. (CUNHA, 2010, p. 193)

Mediar a prática argumentativa na sala de aula mediante a politização pedagógica do artigo de opinião é também instrumentalizar os sujeitos para que percebam como outros discursos são recepcionados na efetivação do gênero textual. Uma ideia-chave apresentará os argumentos eficazes e capazes de clarificar o plano ideológico linguístico-textual, criando uma cadeia de significados a partir do estabelecimento comunicativo e da linguagem persuasiva inserida no texto.

A possibilidade da prática argumentativa no contexto da sala de aula não está condicionada às respostas aceitáveis pelo professor, mas ao plano libertário das ideias em que os argumentos e as tomadas de decisão sejam capazes de habilitar “o dizer”, na esfera oral e “o produzir”, no plano constituinte do texto. Além disso, nas instâncias comunicativas, “argumentar, nesse sentido, significa afirmar-se mediante as interpelações e os efeitos que a tomada de posição desencadeia no outro”. (SOUZA, 2016, p. 7)

Professor e aluno, em sala de aula, assumem a função de agentes interativos da argumentação pedagógica em que a situação-problema de-

sencadeia a instância argumentativa na comunicação. Ora o professor medeia o conhecimento, ora interage com estudantes, apontando os caminhos a serem seguidos para a realização do discurso e da produção argumentativa.

O desafio em trabalhar à luz da argumentação, sobretudo tendo o procedimento de sequência didática como indicador das intervenções está no planejamento das oficinas didáticas das simples às complexas, que se iniciam com uma análise da produção inicial, isto é, do conhecimento de que os sujeitos já dispõem, repensando, a partir dele, como as intervenções podem ser realizadas.

Assim sendo, uma síntese da sequência didática com o gênero artigo de opinião realizada no contexto de ensino e aprendizagem do letramento de jovens e adultos é apresentada no quadro seguinte.

ETAPAS	SÍNTESE DESCRITIVA DAS INTERVENÇÕES
Apresentação da situação	Esclarecimento dos objetivos com o gênero textual.
Primeira produção	Solicitação da produção inicial, conhecimentos prévios.
Módulo 1	Estudo das características do gênero artigo de opinião.
Módulo 2	Discussão e estudos de ortografia dos enunciados.
Módulo 3	Estudos gramaticais e capacidades de linguagem.
Módulo 4	Estudos de coesão textual e tipos de argumentos.
Módulo 5	Estudos de coerência textual a partir dos argumentos.
Produção final	Apresentação escrita final do gênero artigo de opinião.
Divulgação dos artigos	Exposição dos textos no suporte mural didático e <i>blog</i> .

Figura 1: Síntese da sequência didática. Fonte: Adaptado de Sousa (2016).

Na realização de cada etapa, os textos eram revisitados, discutidos e refeitos, levando-se em consideração os conhecimentos formulados em cada módulo da sequência didática. Reitera-se que os enunciados dos estudantes, bem como os discursos produzidos em sala de aula constituíram-se como objeto de estudo e análise no estabelecimento do procedimento didático, tendo sempre em questão a relevância dos argumentos estabelecidos.

Faz-se necessário considerar o contexto da Educação de Jovens e Adultos e as muitas histórias que fizeram com que os destinos se cruzassem e encontrassem na escola oportunidades de transformação fizeram-se necessárias.

Partindo desse contexto, deve-se humanizar as práticas de ensino-aprendizagem é necessário, porque não basta apenas enxergar as necessidades de linguagem não adquiridas, sem visibilizar os vários sonhos e trajetórias que estão por trás da escolha da modalidade de ensino. É pre-

ciso criar estratégias que se adequem às necessidades linguísticas e de letramento dos sujeitos.

Ao pensar nas significativas mudanças que podem ser feitas na vida do aluno inserido na Educação de Jovens e Adultos, é preciso também que se proponha o ensino dos gêneros argumentativos, isto é, que se permita que as vozes sejam ouvidas e se entenda como os sujeitos se enxergam diante do papel da linguagem, possibilitando um sincero e autêntico ressoar de suas vozes omitidas, muitas vezes, pela escassez de oportunidade e, principalmente os tire da inércia ideológica.

Com a função de provocar mudanças a partir do que se ensina e discute em sala de aula é que o estudo dos gêneros textuais tem se mostrado cada vez mais trivial no processo de ampliação dos letramentos. A função do professor nesse contexto possibilita a dinamização em sala de aula com as propostas significativas de interação.

Isso pode ser feito, tomando-se como base a experiência prévia dos alunos com os gêneros, em situações sociais que eles consideram significativas, ou explorando o desejo dos alunos de se envolverem em situações discursivas novas e particulares, ou ainda tornando vital para o interesse dos alunos o terreno discursivo que queremos convidá-los a explorar. (BAZERMAN, 2006, p. 30)

Permitir que os sujeitos, no contexto de sala de aula, sejam autênticos na organização das ideias é também levá-los à reflexão e à ação no desafio de formular enunciados, produzir e ampliar os discursos a partir da instrumentalização pedagógica com o texto é o primeiro passo para trilhar novos caminhos capazes de levá-los a enxergar no plano global e particular do texto a oportunidade de trabalhar com as concepções argumentativas.

O que tornam as atividades significativas no contexto da sala de aula é partir do que os alunos já sabem e são capazes de construir, das hipóteses defendidas e da formulação de saberes, considerando-se a experiência de cada um e as trajetórias de letramento que têm sido utilizadas como exploração do conhecimento exposto por eles. Há, desse modo, que compreender ainda a diversidade de conhecimento presente no contexto escolar e averiguar como as intervenções atendam às carências de aprendizagem.

Assim, entre os muitos artigos produzidos à luz das instâncias argumentativo-pedagógicas, este estudo selecionou apenas um dos textos para uma síntese em que a identidade do aluno será preservada, conforme

apresentado a seguir.

O primeiro transplante nos Estados Unidos

Eu quero falar sobre o transplante de uma cabeça, de uma pessoa para outra. Eu entendi que um doutor tentou fazer um transplante em um animal para ver se dava certo e terminou que sua pesquisa não deu tão certo, mas agora a ciência está mais avançada e se pode transplantar a cabeça.

Eu acredito que esse transplante que talvez vai dar certo, o médico Sergio Canavero é que esse paciente que vai fazer o transplante e que a cirurgia seja um sucesso que eu não quero mal a ninguém e que a ligação dos vasos sanguíneos e os músculos da cabeça e que acontecer nos Estados Unidos e que os médicos não fiquem com raiva do médico Sergio Canavero.

Eu acredito que o transplante de cabeça é possível, porque são médicos profissionais, transplante de coração é possível, o transplante de rins é possível, o de cabeça não vai ser tão difícil assim para os médicos, o transplante de coração é mais complicado e o de cabeça não deve ser tão difícil.

Dessa forma, o primeiro transplante que foi em animais não deu tão certo que o animal morreu, mas no segundo transplante espero que dê certo no paciente que vai realizá-lo, pois o de coração foi possível e o de cabeça não será tão difícil para o médico Sergio Canavero.

Figura 2: Artigo de opinião produzido

O artigo organizou-se em quatro parágrafos e, em todos eles, o estudante valeu-se das marcas enunciativas de pessoalidade, uma das características do artigo de opinião, em que as vozes partem de um emissor, direcionadas aos múltiplos interlocutores. As marcas enunciativas de pessoalidade foram apresentadas no modo indicativo do tempo presente, como “eu quero falar”, “eu acredito” e que se alternam com o pretérito perfeito do indicativo em “eu entendi”.

Além de discutir o possível transplante, o aluno, na função de emissor, cria expectativas quando reitera que “a cirurgia seja um sucesso”, “o transplante de cabeça é possível, porque os médicos são profissionais”. Além dos argumentos de consenso presentes na persuasão produzida pelo aluno, há que se destacar também a utilização do argumento de autoridade, quando destaca “o médico Sergio Canavero”, tornando-o interlocutor dos discursos e enunciados que serão mostrados.

Em relação à instrumentalização dos sujeitos, no plano de mediação pedagógica, os alunos tiveram a oportunidade de lerem sobre o assunto e assistirem à reportagem exibida em sala de aula. Nesse sentido, o planejamento da argumentação em sala de aula faz-se na oferta de possibilidades a serem redescobertas, pois não basta simplesmente exigir que

os sujeitos reproduzam apenas o que sabem, mas, incentivá-los a buscar outros modos de ampliação do conhecimento, principalmente na arte de argumentar e de organizar os argumentos.

Argumentar é refletir. Argumentar é estreitar os processos de interação. Argumentar é organizar os modos de pensar. Argumentar é nos inserirmos no plano dialógico da linguagem. Há que se destacar que a argumentação como processo contínuo está implícita em todas as fases da vida do homem: quando tomamos decisões estamos argumentando; quando defendemos nossas convicções estamos argumentando; quando apoiamos o outro estamos argumentando; quando avaliamos que em determinadas situações há a dualidade entre os prós e contras de aceitabilidade, estamos argumentando. (SOUSA, 2018b, p. 42)

Ao vislumbrar a realização de trabalho com a argumentação na lógica pedagógica é importante que o professor esteja preparado para a reestruturação do planejamento e adequação dos propósitos às necessidades de linguagem dos estudantes, porque a “ação de planejar um projeto de intervenção exige o conhecimento da realidade, senso crítico, vontade e necessidade de transformar a realidade escolar”. (SOEK; HARACEMIV & STOLTZ, 2009, p. 46)

O conhecimento do contexto para a realização de propostas argumentativas, sobretudo à luz da aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos fornece ao professor os subsídios necessários para que as intervenções atinjam seus propósitos. Se o aluno compreender que é por meio do texto que as vezes ampliam os enunciados, certamente, ele promoverá um processo de reflexão de como as ideias podem ser estruturadas na formulação do que se pretende dizer.

Trabalhar com os gêneros textuais em quaisquer que sejam as modalidades de ensino, possibilita-se aos sujeitos repensarem seus lugares de atuação como pessoas capazes e propícias a colaborarem, pois o ensino da argumentação na sala de aula perpassa pela valorização dos saberes internalizados, os chamados conhecimentos de mundo, bem como com as instrumentalizações eficazes e, mais ainda, capazes de atribuir às identidades na organização dos discursos, estabelecendo uma cadeia de enunciados que demonstrem de que ponto os sujeitos partiram ao posto de chegada.

Discutir a relevância da argumentação no contexto pedagógico é trazer para o centro dos debates os alunos que ora ocupam a função de emissor, ora caracterizam-se como interlocutores do próprio discurso. Nesse sentido, argumentar faz-se necessário na permissão de que o exercício da cidadania seja estabelecido, oferecendo a todos as mesmas pos-

sibilidades e oportunidades de acessar, produzir e divulgar o conhecimento.

4. Considerações finais

O espaço da argumentação na instância pedagógica encontra-se com as carências cognitivas dos sujeitos e os insere em um processo contínuo de trabalho em que a linguagem é percebida como proposição do ato de dizer. Entre a ação de formular enunciados e produzir discursos, ocorre à interação entre os sujeitos, no estabelecimento da comunicação como marca de nossa identidade social.

Argumentar é saber que o outro também tem algo a contribuir e muito a dizer. É saber ouvir e analisar de que maneira a comunicação se torna mais eficaz no plano de realização da linguagem. Argumentar é desbravar outros contextos, agir cautelosamente, respeitar o espaço do outro e as formas como ele complementa o nosso estilo de comunicar.

Possibilitar que as instâncias da argumentação encontrem no contexto escolar o estabelecimento da interação é principiar a instrumentalização dos sujeitos, incentivá-los a desbravar outros caminhos e a surpreenderem o plano inerte das ideologias, porque sempre que argumentamos, possibilitamos que a comunicação se efetive e se contextualize na relação do saber com o outro.

A prática da argumentação contribui com a formulação do senso crítico dos que participam das finalidades comunicativas, tanto do plano discursivo quanto textual das ideias. Desse modo, a politização do gênero artigo de opinião com alunos da Educação de Jovens e Adultos reafirmou que o texto, quando utilizado na função de objeto de ensino e aprendizagem, sempre será o lugar epistemológico de encontro discursivo entre locutores, interlocutores e situações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antônio Suarez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê, 2000.

BAZERMAN, Charles. *Gênero, agência e escrita*. São Paulo: Cortez, 2006.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro. O funcionamento dialógico em notí-

cias e artigo de opinião. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org.: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação*. Porto Alegre: Instituto Piaget, 1999.

PLANTIN, Christian. *A argumentação*. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

SOEK, Ana Maria; HARACEMIV, Sonia Maria Chaves; STOLTZ, Tânia. *Mediação pedagógica na alfabetização de jovens e adultos*. Curitiba: Positivo, 2009.

SOUSA, Ivan Vale de. Argumentação na educação de jovens e adultos. In: *Anais do IV Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso: discursos e desigualdades sociais*. Belo Horizonte – MG, Brasil: Universidade Federal de Minas Gerais, 14 a 17 de setembro de 2016. Disponível em: <<https://simposioad.wordpress.com/programacao-preliminar/anais-2/>>. Acesso em: 14-08-2018.

_____. Metodologias interacionistas em questão: pesquisa-ação e sequência didática no ensino da linguagem. In: _____. (Org.). *Língua portuguesa, linguagem e linguística*, vol. 2. Ponta Grossa: Atena, 2018a.

_____. *O texto argumentativo na escola: abordagem, reflexão e metodologia*. Latvia: Novas Edições Acadêmicas, 2018b.